

A experimentação como projeto de formação filosófica

Experimentation as a philosophic formation project

Silvia Cristina Fernandes Lima

Doutoranda em Educação pela Universidade federal de Uberlândia/UFU, Uberlândia- MG, Brasil, e-mail: silviacristinapedag@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo desse artigo é refletir sobre o conceito de experimentação em Nietzsche, compreendendo-o como um elemento característico de seu filosofar. Nietzsche, o crítico da modernidade, evidenciou a ênfase dada à razão e a ciência como formas únicas de conhecimento, em detrimento da arte, da intuição e ilusão. Denunciou o problema da racionalidade e da cientificidade, pois para ele a confiança na razão e na ciência é um fenômeno moral, ela ínsita a busca por fundamentos, a encontrar sempre uma causa, uma finalidade última, em última instância a verdade. Busca essa que levou a modernidade à decadência, a ausência de sentido da vida, ao *niilismo*. A hipótese que queremos apresentar nesse texto é a de que o caminho traçado por Nietzsche para desmascarar os pilares da modernidade decadente é o da experimentação. Ou seja, o fazer experimentações com seu próprio pensamento, colocando o problema sob diversas perspectivas. Nesse processo de experimentação podemos vislumbrar o constituir-se do filósofo alemão, a experimentação aparece aqui no modo como Nietzsche coloca como questão a moral ao fazer de seu próprio pensamento um experimento no desmascaramento da moral. Assim como sua própria concepção de formação filosófica é um convite à experimentação, o fazer experimentações com si mesmo e com a vida, é o vivenciar, o experimentar a vida a partir de diversas perspectivas. Essa prática fisiológica de experimentar a vida e fazer a experimentação com o pensamento deve ser a tarefa dos filósofos do futuro, pois com ela advém a capacidade de legislar e comandar.

Palavras chave: Experimentação. Vivência. Filosofia. Nietzsche.

Abstract

This paper brings a reflection on Nietzsche's experimentation concept, understanding it as a characteristic element of his philosophizing. Nietzsche, the critic of modernity, highlighted the emphasis given to reason and science as the only legitimate modes of knowledge, in detriment of art, intuition and illusion. He reported the problem of rationality and scientificity, once that, according to him, the kind of trust attributed to reason and science is a moral phenomenon, one that urges one to the search for fundamentals, to finding a reason, an ultimate purpose, and in last instance, the truth. Such search led modernity to decadence, to the lack of

purpose in life, to *nihilism*. The hypothesis that is presented in this text is that the road paved by Nietzsche to unmask the pillars of the decadent society is that of experimentation. That is, to make experiments with one's own thoughts, looking at the problem under several perspectives. In this experimentation process we can glimpse the self-constitution of the German philosopher; experimentation features the way how Nietzsche puts morality at stake, turning his own thought at an experiment for unmasking morality itself. As his own conception of philosophic formation is an invitation to experimentation, making experiments with oneself and with life, is living, is experimenting life from several perspectives. This philosophical practice of experimenting life and making experiments with thoughts should be the task of future philosophers, since it comes from the ability of ruling and commanding.

Keywords: Experimentation; Existence; Philosophy. Nietzsche.

A filosofia tal como Nietzsche a compreende não deve ser construída somente por meio da razão, a filosofia é para ele também uma fisiologia, todo o corpo necessariamente deve contribuir na formação do pensamento filosófico. Concebendo o homem como uma pluralidade de instintos à fisiologia caberia a coordenação de todas as partes em relação ao todo. Por isso, em sua autobiografia, *Ecce Homo*, Nietzsche ao dizer *Por que é tão sábio*, elege a escolha da boa alimentação, a escolha do clima e lugar, e também das distrações (leituras), como forma de se apresentar aos seus leitores de modo a evidenciar que todas essas coisas que, muita das vezes, consideramos sem importância fazem parte também do constituir-se de um filósofo, ou seja, todas as necessidades cotidianas devem ser objeto de reflexão.

Para o filósofo alemão todas as pequenas coisas, as coisas que nos são mais próximas são tão importantes na nossa formação quanto nossas atividades intelectuais, mais ainda só podemos ter uma boa formação se levarmos em consideração o conjunto do corpo. Temos que buscar aquilo que faz bem a nós mesmos, para isso precisamos também nos conhecer melhor, como nos alerta Nietzsche:

Considere-se, porém, que *quase todas as enfermidades físicas e psíquicas* do indivíduo decorrem dessa falta: de não saber o que é benéfico, o que nos é prejudicial, no estabelecimento do modo de vida, na divisão do dia, no tempo e escolha dos relacionamentos, no trabalho e no ócio, no comandar e obedecer, no sentimento pela natureza e pela arte, no comer, dormir e refletir; ser *insciente* e não ter olhos agudos para as coisas *mínimas e mais cotidianas* – eis o que torna a Terra um ‘campo de infortúnio para tantos’ (HH II, AS, § 6, grifos em itálico do autor).

De acordo com Nietzsche, a escolha do lugar onde morar, o cuidado com o regime alimentar, a preocupação com o clima todas essas pequenas coisas fazem parte do nosso constitui-se, isto é, da nossa formação. No entanto, sempre fomos ensinados a não dar importância e desprezar tudo isso, sobretudo, o corpo. É importante compreendermos que o corpo para Nietzsche é notadamente, “unificação descomunal de seres vivos”, isto é, uma unicidade de órgãos ou pluralidade de impulsos que em sua ligação é “tão superior à nossa consciência, ao nosso ‘espírito’, ao nosso pensamento consciente, ao nosso sentir e querer, quanto a Álgebra é superior ao um vezes um” (NIETZSCHE, FP, Junho – julho de 1885, 37 [4]). Nesse *fio condutor* que é o corpo há comando e obediência, há valores desiguais que constituem a própria vida, nesse aspecto é de suma importância para a existência do homem suas vivências e o exercício de suas experiências, são elas que vão possibilitar a elevação ou o perecimento do tipo homem. Caso o conjunto de *seres vivos*, estejam bem hierarquizados formando uma unidade há a dominação, isto é, o corpo é saudável, caso haja desorganização ou anarquia dos *seres vivos* o corpo é doente.

No aforismo 119 de *Aurora*, Nietzsche expressa de maneira bastante clara a relação dos instintos que constituem os indivíduos e os fatos diários que ocorrem na vida. Para o filósofo psicólogo¹, tal como ele mesmo em determinados momentos se intitula, os acontecimentos são como nutrição para os instintos e a cada um desses acasos que acontecem os instintos reagem de determinada maneira, enquanto uns se saciam outros morrem de inanição. Nesse aspecto, “todas as nossas experiências são alimentos” (NIETZSCHE, A, §119). Contudo, os fatos só se revelam significativos a partir do momento que nós, por meio dos instintos, colocamos neles a nossa interpretação, por isso, diz Nietzsche: *viver é inventar* (NIETZSCHE, A, §119).

Na obra *Assim falou Zaratustra*, no parágrafo intitulado *Dos desprezadores do corpo*, Nietzsche considera o corpo como “uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor”. Com efeito, a alma ou espírito é “instrumento de teu corpo é também tua pequena razão”. De modo que há uma prioridade do corpo em relação à alma, porém, não há a separação corpo e alma como há, por exemplo, em Platão. Para o filósofo alemão o pensar não é constituído somente por meio da consciência, “há mais razão em teu corpo do que em tua melhor sabedoria” (NIETZSCHE, Za, *Dos*

¹ Em sua autobiografia, EH, *Por que escrevo tão bons livros* § 5, ele afirma “Que em meus escritos fala um psicólogo sem igual é talvez a primeira constatação a que chega um bom leitor”.

desprezadores do corpo). O pensar é também sentir e intuir, no prefácio a *Gaia Ciência*, fica bastante clara essa concepção de Nietzsche:

A nós, filósofos, não nos é dado distinguir entre corpo e alma, como faz o povo, e menos ainda diferenciar alma de espírito. Não somos batráquios pensantes, não somos aparelhos de objetivar e registrar, de entranhas congeladas – temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós. Viver – isto significa, para nós, transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos, e também tudo o que nos atinge; *não podemos* agir de outro modo.

Nesse aspecto a filosofia de Nietzsche é a expressão de sua vivência, o modo como a partir de suas experiências e experimentações tornou-se o Nietzsche filósofo e como tal apresenta-nos sua filosofia. Como também é característico de seus escritos, o convite para nós sermos experimentadores², nós os filósofos do futuro “serão experimentadores, através do nome que ousei batizá-los, já sublinhei claramente a experimentação e o prazer no experimentar” (NIETZSCHE, ABM, § 210). E esse experimentar se dá de modo fisiológico, isto é, todo o conjunto do corpo é importante nesse processo.

No aforismo 230 de *Além de bem e de mal*, percebemos claramente essa concepção fisiológica da aquisição de conhecimento e formação filosófica, Nietzsche assemelha o espírito à imagem do estômago que com sua força digestiva incorpora as novas experiências. A filosofia tal como Nietzsche a concebe só pode ser construída na prática de experiências, ou seja, com as experimentações do pensamento com a vida. Uma filosofia que enfrenta os desafios da vida, que se dispõe a novas experimentações, a conhecer e analisar aquilo que se diz proibido e que a *moral baniu*, “busca tudo o que é estranho e questionável no existir” (NIETZSCHE, EH, prólogo, 3). Nesse aspecto a experiência ou experimentação, a nosso ver, constitui em elemento educativo por excelência. Num fragmento póstumo o filósofo apresenta, de maneira bastante elucidativa, sua concepção de filosofia:

Filosofia, tal como a compreendi e vivi até aqui, é a busca voluntária mesmo dos lados mais indesejados e mal-afamados da existência. A partir da longa

² A esse respeito assevera Marton: “Experimentador no mais alto grau, o autor de *Para além de Bem e de Mal* não hesita em convidar o leitor à experimentação, seja por entender que nós, humanos, não passamos de experiências, seja por acreditar que não nos devemos furtar a fazer experiências conosco mesmos. Em seus textos, querer fazer experimentos com o pensar encontra tradução em perseguir uma ideia em seus múltiplos aspectos, abordar uma questão a partir de vários ângulos de visão, tratar de um tema assumindo diversos pontos de vista, enfim, refletir sobre uma problemática adotando diferentes perspectivas” (2014, p. 139).

experiência, que me foi dada por tal viandança através do gelo e do deserto [...] tal filosofia experimental, como a vivo, antecipa à guisa de ensaio a possibilidade do niilismo fundamental: sem que se estivesse dizendo, com isso, que ela permaneceria parada junto a um não, junto a uma negação, junto a uma vontade de não. Ao contrário, ela quer muito mais atravessar – até um *dizer sim* dionisíaco ao mundo, tal como ele é, sem subtração, exceção e escolha –, ela quer o eterno movimento circular – as mesmas coisas, a mesma lógica e falta de lógica dos nós. Estado mais elevado que um filósofo pode alcançar: encontrar-se dionisiacamente postado em relação à existência -: minha fórmula para isso é *amor fati*... (NIETZSCHE, FP. Início do ano 1888, 16[32]).

Uma *filosofia experimental*³ é necessária, contudo frisarmos que o sentido utilizado pelo filósofo para os conceitos de experiência e experimentação é a unicidade entre pensamento e vida, portanto, nesse aspecto diz respeito às vivências, as experimentações com a própria vida. Para o filósofo alemão a vida é uma experiência de quem busca conhecer ou um meio de conhecimento e o conhecimento “é um mundo de perigos e vitórias” (GC, § 324). As vivências consistem em viver o mundo apesar das adversidades, é dizer sim ao trágico, ou seja, enfrentar o sofrimento e a dor como elementos constitutivos da existência. São exatamente os perigos que vivenciamos que possuem a maior fecundidade e fruição para a vida. Vivenciar a vida em sua totalidade amando seu próprio destino, como diz sua fórmula: “para a grandeza no homem é *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda a eternidade” (NIEZTSCHE, EH, *Por que sou tão sábio*, § 10). Nietzsche foi um filósofo que vivenciou o sofrimento ocasionado pelas doenças (dores fortes de cabeça, problema de visão, náuseas, dentre outros) e fez desse sofrimento o estimulante da vida, viu a saúde a partir do ponto de vista da doença⁴. Como filósofo *experimentado em questões de*

³ Em um trabalho sobre o experimentalismo em Nietzsche, Oliveira (2009, p.150) afirma: “*Experimentalphilosophie*, caracteriza o experimentalismo de Nietzsche como um “método de desmascaramento” que conduz à posse de si mesmo por parte do espírito livre. Como *processo* de reunião das várias perspectivas de interpretação da vida, o experimentalismo nietzscheano conduz à elevação e intensificação do poder e, por isso mesmo, de libertação e desmascaramento das convicções metafísicas que negam a origem humana, demasiado humana de todas as avaliações. Assim, segundo o autor alemão, o experimentalismo está ligado a uma redefinição do próprio conhecimento (de metafísico a experimental), conduzindo a uma perspectiva afirmadora derivada da intensificação do niilismo”.

⁴ Em sua autobiografia fica bastante evidente o modo como Nietzsche enfrenta sua doença de modo afirmativo, vejamos nas palavras do filósofo a descrição dessa condição: “Meu pai morreu com trinta e seis anos: ele era suave, amável e mórbido, como um ser destinado a simplesmente passar – antes uma bondosa lembrança da vida do que a vida mesma. No mesmo ano em que sua vida cedia, também a minha declinava: aos trinta e seis anos atingi o ponto mais baixo de minha vitalidade [...]; dá ótica do doente, ver conceitos e valores mais sãos, e, inversamente, da plenitude e certeza da vida *rica* descer os olhos ao secreto labor do instinto de *décadence* – este foi o meu longo exercício, minha verdadeira experiência, se em algo vim a ser mestre, foi nisso” (EH, *Por que sou tão sábio*, § 1). Ao lembrar o período de menor vitalidade ainda diz Nietzsche: “de fato, assim me aparece agora aquele longo tempo de doença: descobri a vida e a mim mesmo como que de novo, saboreei todas as boas e pequenas coisas, como outros não as teriam sabido saborear – fiz da minha vontade de saúde, de vida, a minha filosofia... Pois atente-se para isso: foi durante os anos de minha menor vitalidade que deixei de ser um

décadence (EH, *Por que sou tão sábio*, § 1) foi possível pensar na possibilidade de transvalorar os valores e constituir uma filosofia afirmativa. Propondo levar às últimas consequências o niilismo reativo, destruindo os valores morais decadentes e estabelecendo o niilismo ativo com a criação de novos valores.

Dessa maneira, essa vivência ou experimentação da vida não pode ser confundida com a experiência no sentido do conhecimento científico⁵, por outro lado:

Essa experiência ou vivência (*Versuch*), no pensamento nietzschiano, torna-se independente de um realismo científico ou de uma fundamentação metafísica: os impulsos nietzschianos não são nem uma entidade física nem um fundamento ontológico, mas uma interpretação que abre para o homem o caminho da auto-superação (FREZZATTI JUNIOR, 2006).

A experimentação tal como Nietzsche a entende é a possibilidade de ampliar os horizontes, pois há sempre a possibilidade de novas perspectivas, de pensar mediante outros pontos de vistas. Nietzsche pretende romper com a metafísica cujo princípio consiste numa interpretação dualista de mundo, em que, há separação entre o inteligível e o sensível, no qual, há a superioridade do primeiro em detrimento do segundo. Para ele não há a oposição de pares opostos, corpo/alma; bem/mal; razão/sentidos. Assim como, não há finalidades, ou fundamentos sobre os quais esteja firmado o princípio, a causa de todas as coisas. A gênese dessa concepção metafísica-dualista pode ser observada, sobretudo, a partir de Sócrates/Platão. Esses, ao desprezarem os sentidos conceberam um viés moral para a filosofia. A partir de então, há a ideia de condenação do mundo, a noção de culpa de negação do corpo, da sensualidade e da própria vida na terra, em prol de uma vida além-mundo.

Conforme nos esclarece Giacoia (2013, p 213), Nietzsche constatou que Platão, seguindo seu mestre Crátilo, interpretou o devir heraclítico com a seguinte conclusão “todas as coisas sensíveis se encontram em perpétuo fluxo e alteração, de maneira que nenhum conhecimento racional é possível acerca delas”. Com essa conclusão da sentença de Heráclito, Platão banuiu todo conhecimento que advém dos sentidos, por isso, “seu ódio à noção mesma do vir-a-ser, seu egipcismo [...] a morte, a mudança, a idade, assim como a procriação, são

pessimista: o instinto de auto-restabelecimento proibiu-me uma filosofia da pobreza e do desânimo” (EH, *Por que sou tão sábio*, § 2).

⁵ De acordo com Gadamer (2008, p. 454) “a falta de uma teoria da experiência, presente até os dias de hoje e que inclui inclusive a Dilthey, faz com que esta se oriente totalmente na direção da ciência, passando ao largo, assim, de sua historicidade interna. O objetivo da ciência é tornar a experiência tão objetiva a ponto de anular nela qualquer elemento histórico”. Com efeito, embora Nietzsche não tenha elaborado uma teoria da experiência, de modo algum, o sentido, que ele utiliza corrobora com perspectiva da ciência, trata-se antes de um conceito ligado a vivência, isto é, a dinâmica da vida.

para eles objeções – até mesmo refutações” (NIETZSCHE, CI, *A “razão” na filosofia*, §, 1). A mudança e o caminho até a morte foram interpretados como uma condenação da existência. Com a influência de Sócrates, Platão encontrou as determinações conceituais universais e o caminho para a dialética, com a qual pretendeu superar todo o conhecimento enganoso⁶. Para Platão esse mundo no qual habitamos é um mundo aparente, o mundo verdadeiro é o mundo das ideias, das abstrações, por isso, a condenação do mundo e tudo que se diz respeito ao corpo.

Por outro lado, a interpretação feita por Nietzsche a respeito da sentença de Heráclito não vê a punição do vir-a-ser, mas sim sua justificação. O vir-a-ser surge notadamente do conflito entre os opostos nos quais “um junto ao outro e presos entre si, como dois lutadores dos quais ora um ora outro adquire a hegemonia” (NIETZSCHE, FT, § 5). Para o filósofo alemão é exatamente a luta, o conflito que possibilita a justiça. Trata-se de um processo sem qualquer imputação moral, assim como a criança e o artista possuem a necessidade e inocência do jogo, assim também consiste o processo de erigir e destruir do mundo. De modo que, a efetividade do mundo é vista de forma alegre, como possibilidade de criação. Conhecedor e admirador da filosofia helênica, Nietzsche observava neles um povo que soube interpretar e vivenciar os conflitos como parte estruturante da vida. Ao conceber uma *filosofia experimental*, Nietzsche pretende mostrar a diversidade de possibilidades de dar sentido à vida experimentando-a mediante várias perspectivas. Nesse aspecto:

A experiência não visa captar determinada ordem, repetição ou situações de uniformidade presentes na vida, mas deve permanecer no âmbito do hipotético e da suspeita – é esse, no limite, o interesse manifestado por Nietzsche em relação ao ‘método’ das ciências. A experiência revela justamente o estado experimental característico da própria vida e não tem como resultado nada além de hipóteses experimentais que nascem do envolvimento do experimentador como experiência de si mesmo. Em outras palavras: não se trata de um procedimento de verificação de hipóteses, mas de afirmação da hipótese interpretativa como possibilidade de conhecimento (OLIVEIRA, 2009, p.155).

Nesse processo, é crucial saber e colocar em prática o interpretar de nossas próprias vivências, elaborando questões simples e cotidianas que podem por meio de suas respostas aprimorarem nossa autoformação. Esse exercício prático também consiste no modo como interpretar as vivências, um modo de interrogar a si mesmo. Esse aspecto de colocar a si

⁶ No escrito sobre *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche caracteriza Platão como *personagem mista*, cuja filosofia não é tipicamente pura, como se poderia encontrar nos filósofos pré-socráticos. “em sua doutrina da ideias, elementos socráticos, pitagóricos e heraclitianos acham-se unidos” (2008, p.38).

mesmo como experimento, Nietzsche o compara à experiência científica, vejamos nas palavras de Nietzsche:

Como intérpretes de nossas vivências. – Há uma honestidade que sempre faltou aos fundadores de religiões e pessoas desse tipo: - Eles nunca fizeram de suas vivências uma questão de consciência para o conhecimento. ‘O que foi que vivi realmente? Que sucedeu então em mim e à minha volta? Minha razão estava suficientemente clara? Minha vontade estava alerta para todos os enganos dos sentidos e foi valorosa ao defender-se das fantasias?’ – nenhum deles fez estas perguntas [...] mas nós, os sequiosos de razão, queremos examinar nossas vivências do modo rigoroso como se faz uma experiência científica, hora a hora e dia a dia! Queremos ser nossos experimentos e nossas cobaias (NIETZSCHE, GC, § 319).

Dessa maneira, a experimentação é também o colocar a si mesmo como experimento, observar a si mesmo, ser próximo de si mesmo. Para o filósofo da ciência alegre, aquele que não medita sobre si mesmo, que não descobriu a si mesmo tende a escolher cegamente aquilo que desde a infância lhe foi mostrado como sendo o certo. A experiência ou a experimentação, nesse aspecto, é um meio educativo de conhecer a si mesmo e assim, depurar, avaliar as opiniões, mais ainda possibilita a criação de novos valores. De maneira que, “após uma tal interrogação de si mesmo, experimentação consigo mesmo, aprendemos a olhar mais sutilmente para todo o filosofar que houve até agora” (NIETZSCHE, GC, prólogo, 2). Com esse novo olhar podemos, como experimentos que somos, construir novos sentidos para a própria vida, mais ainda é imperativo experimentar a vida e colocá-la à prova.

A experimentação tal como Nietzsche a concebe é um exercício prático da vida e como tal deve ser um exercício autônomo e singular, em que, cada um a partir das vivências possa experimentar novas formas de agir e de pensar⁷. Nesse sentido, a experimentação é também uma habilidade que a partir das vivências, nos permite ensaiar, a adotar conclusões provisórias, que nos permite até mesmo os erros e desacertos da vida, pois “temos o direito de fazer experiências em nós mesmos!” (NIETZSCHE, A, § 501). Ocasionalmente, diz Nietzsche, é preciso “perder-se, quando queremos aprender algo das coisas que nós próprios não somos” (GC, § 305). De modo que não podemos deixar de experimentar a vida por medo dos riscos, errar é também uma experiência educativa. Ademais para Nietzsche não somos os mesmos sempre, há coisas que hoje amamos que amanhã poderemos não amar, o que algum

⁷ De acordo com estudo realizado por Viesenteiner (2013, p. 106) existe uma diferença entre *Erlebnis* (vivência) e *Erfahrung* (experiência): “Vivência consiste nas condições para toda experiência, na medida em que esta última é constituída por uma mediação especificamente lógica. Enquanto vivência tem seu estatuto determinado pelo caráter imediato naquilo que ocorre, carregando pois, seu cortejo de sentimentos, experiência implica em constituição lógica através desse cortejo de vivências”.

tempo atrás tomamos como “verdade”, hoje se vê como um erro, e o que proporciona esse novo olhar é notadamente as experiências da vida. Nesse sentido, não há um caminho universal que sirva de modelo para todos. O caminho é peculiar, assim como as experiências são únicas de cada um consigo mesmo, na arte da vida cada um deve encontrar o caminho para tornar-se o que se é. Em sua autobiografia Nietzsche, diz: “ninguém pode escutar mais das coisas, livros incluídos, do que aquilo a que não se tem acesso *a partir da experiência*” (EH, *Por que escrevo tão bons livros*, § 1, grifos em itálico meu). É necessário compreendermos que Nietzsche está aqui assegurando como experiência é exatamente a vivência, o experimentar a vida mediante diversas perspectivas inclusive o experimentar do pensamento.

Podemos observar que a figura do andarilho invocada por Nietzsche em HH II nos possibilita pensar exatamente essa ideia de peregrinação, de conhecer novos lugares, de buscar algo novo com total desprendimento. O andarilho é aquele que não fixa sua moradia está sempre em busca de novas experiências. Com esse personagem, Nietzsche quer nos encorajar a sermos senhores de nossa própria vida e não vivermos em rebanho assumindo uma existência que não condiz com aquilo que realmente queremos nos tornar.

Ao buscarmos o significado do termo experiência temos que a experiência é “o ato ou efeito de experimentar-se” cuja derivação latina é: *experientia*, isto é, “prova, ensaio, tentativa” (HUAISS; VILLAR, 2009, p.858). De acordo com Larrosa, a experiência “contém o ‘ex’ do exterior, do exílio, do estranho, do êxtase, contém também o ‘per’ de percurso, do ‘passar através’, da viagem, de uma viagem [...]”. “E não sem risco: no *experiri* está o *periri*, o *periculum*, o perigo” (LARROSA, 2009, p. 57). Nesse sentido, a experiência está intimamente ligada ao modo como nos colocamos diante de nós mesmos e com o mundo que nos cerca, significa o modo como damos sentido ao que somos e também aquilo que nos acontece; “a experiência é o que nos passa e o modo como nos colocamos em jogo, nós mesmos, no que se passa conosco” (LARROSA, 2009, p. 57).

Conforme ressalva Oliveira (2009, p. 156): “a presença do prefixo *ex* (que procede as vogais com o mesmo efeito de *ec*, no caso das consoantes) traduz a ideia de ‘movimento para fora’, portanto a um acontecimento de relação entre o indivíduo e o mundo”. É notadamente nesse aspecto de jogo do indivíduo com o mundo, com a vida é que se insere a perspectiva nietzschiana. Em um fragmento póstumo, Nietzsche define a experiência como, “o resultado

de todas aquelas *reações*, nas quais reagimos a algo fora de nós e em nós. – nós temos nossa *reação fundida com a coisa*, que reage a nós” (NIETZSCHE, FP, Verão-Outono de 1884, 27 [64], grifos em itálico do autor).

A noção de experiência e experimentação em Nietzsche, conforme temos visto, está também de forma bastante próxima à noção de vivência (*Erlebnis*). De acordo com Gadamer (2008) o surgimento da palavra “vivência” (*Erlebnis*) na literatura alemã demarca-se nos anos 70 do século XIX, embora a palavra “vivenciar” já estivesse em uso desde o século XVIII. Ainda segundo Gadamer (2008), a princípio a aplicação da palavra vivência se deu na literatura biográfica, em que, se buscava compreender a obra dos artistas e poetas a partir da vida. Com o caráter de ligação com a vida duas formações constituem a base do sentido e do emprego da palavra vivência, a saber, a imediatez e a significabilidade. É imediato, pois, a vivência “é sempre o que nós mesmos vivenciamos [...] precede toda interpretação, elaboração e transmissão” (GADAMER, 2008, p. 105-106). Mas para que algo se transforme em vivência é preciso que haja significado, isto é, “algo se transforma em vivência na medida em que não somente foi vivenciado mas que o seu ser-vivenciado teve um efeito especial, que lhe empresta um significado permanente” (GADAMER, 2008, p.106).

Conforme análise de Viesenteiner (2013) o termo vivência ainda teria um terceiro significado e ele estaria relacionado precisamente ao conteúdo do que se vivencia, para esse autor a noção de vivência deve ser sempre pensada a partir do ponto de vista estético. Nesse aspecto, é necessário levar em consideração o contexto em que surge a palavra vivência na literatura alemã. Segundo Gadamer (2008, p. 108) “a cunhagem da palavra ‘vivência’ lembra claramente, a crítica ao racionalismo da *Aufklärung*, que, partindo de Rousseau, deu nova validade ao conceito de vida”. A palavra vivência demonstra a busca por uma linguagem capaz de expressar a relação do homem com o mundo em sua totalidade e infinitude. Por isso,

A vivência de algo não pode ter seu conteúdo construído racionalmente, mas deve ser unicamente experimentado, ou melhor, ‘sentido na pele’, como evoca a expressão no português [...] vivência, ‘sentir na pele’ alude à presença imediata de alguém que vivencia algo efetivamente, bem como se refere ao caráter estritamente individual de toda vivência, representando, por isso, sua significabilidade para aquele que vivencia (VIESENTEINER, 2013, p. 105).

É notadamente esse sentido de experimentar a vivência que a nosso ver se insere a perspectiva de Nietzsche. Segundo Visser (2014, p. 566): “em Nietzsche, vivenciar significa

experimentar e compartilhar algo de corpo e alma; a vivência sublinha, portanto, a totalidade da vida, atuante de modo inconsciente em toda sensação”. Podemos perceber que, o projeto de Nietzsche tem por base o perspectivismo com o qual pretende superar o modelo metafísico tradicional da filosofia, em que, a razão a consciência é o centro de todo pensamento e construção do conhecimento. Para a destruição desses pilares metafísicos, Nietzsche apresenta o lado inverso de tudo o que, até então, havia sido condenado: o corpo, a intuição, o inconsciente. Procura desvendar a base moral no qual está assentado todo o pensamento filosófico anterior, por meio de sua genealogia da moral.

Ao buscar a dissolução da moral, Nietzsche tem a cautela de não se tornar ele mesmo um moralista, impondo a seus leitores uma outra “verdade”, por isso, o cuidado de pensar sob diversas perspectivas e a de colocar a si mesmo como experimentador de seu próprio filosofar. No aforismo póstumo do período de 1885, o filósofo alemão questiona a possibilidade de ainda existir o filósofo, pois com o advento da modernidade viver filosoficamente é ser o erudito aquele que tem opiniões e informações superficiais advindas da leitura de jornais. É aquele cuja abrangência do consciente é grande de mais se separando de todo *pathos* da vida. Se esse é o modo filosófico diz Nietzsche é necessário, então, viver de maneira *não filosófica*. Pois, estar informado, ter opiniões é diferente de ter conhecimento e sabedoria para o filósofo viver filosoficamente é “julgar sobre os grandes problemas a partir de *vivências*” (NIETZSCHE, FP, maio-junho de 1885, 35[24]). Nesse aspecto, Nietzsche nos chama atenção para a necessidade de novos filósofos que tenham “prazer no experimentar” (NIETZSCHE, ABM, § 201).

Os novos filósofos diz Nietzsche devem necessariamente também ser comandantes, legisladores, em última instância criar valores. Esses filósofos diz Nietzsche: “estendem a mão criadora para o futuro, e tudo que é e foi torna-se para eles um meio, um instrumento, um martelo. Seu ‘conhecer’ é criar, seu criar é legislar, sua vontade de verdade é – *vontade de potência*”. (ABM, § 211, grifos em itálico do autor)⁸. A tarefa desses filósofos do futuro seria a de conduzir o humano a patamares mais elevados de modo que cada indivíduo possa também ser criador e inventor de valores. Conforme observa Heidegger: “os novos pensadores precisam ser tentadores e experimentadores, isto é, precisam colocar à prova o

⁸ De acordo com a interpretação de Deleuze, a partir da obra de Nietzsche, *Vontade de poder*, o filósofo do futuro é: “*filósofo médico* (é o médico que interpreta os sintomas), *filósofo artista* (é o artista que modela os tipos), *filósofo legislador* (é o legislador que determina ordem, a genealogia), (DELEUZE, s/d, p. 115).

ente mesmo em vista de seu ser, e, perguntando por sua verdade, eles precisam coloca-lo diante de uma tentação” (2010, p. 28). Com os filósofos experimentadores, Nietzsche, pretende nos mostrar que o pensamento e o conhecer não podem estar desvinculados da vida. É a partir de nossas vivências e experimentações que potencializamos a vida e assumimos nosso próprio ser.

Os filósofos do futuro, como mestres que são, devem incentivar a experimentação de si, deve potencializar essa característica que já é própria do ser humano. A educação do ser humano deve primar por chamar os indivíduos à responsabilidade para com sua própria existência, assim como o artista cria sua obra de arte, devemos inventar a nós mesmos, e partir dessa criação assumir a presença de si. Como esclarece Dias: “a vida é um conjunto de experimentações que o ser humano vivencia. Por essência, ela é criação generosa de formas; é artista e, como acontece em toda atividade artística, não visa a nada fora da própria atividade” (2011, p. 14). É preciso ressaltar que, para o filósofo alemão, vida não é simplesmente adaptação às circunstâncias exteriores, a vida tal como ele a compreende é vontade de potência, uma atividade criadora e formadora, é criação de valores.

Assim, nos escritos de Nietzsche encontramos sua própria experiência como um autor que vivenciou a moral e a colocou sob suspeita. O filósofo convida seus leitores ao mesmo empreendimento não para se tornar seus discípulos e que sua teoria seja verdadeira, mas que seu pensamento seja um primeiro passo para que nós possamos criar novos valores.

Referências

- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de António M. Magalhães. Porto-Portugal: Rés-Editora, s/d.
- DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- FREZZATTI JUNIOR, Wilson Antonio. *A fisiologia de Nietzsche: a superação da dualidade cultura/biologia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer, 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2008.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche I*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: forense Universitária, 2010.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a Educação*. Traduzido por Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche e a arte de decifrar enigmas – treze conferências europeias*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. SOUZA, Paulo César, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad. SANTOS, Mário D. Ferreira, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. *Humano, Demasiado Humano II: um livro para espíritos livres*. Trad. SOUZA, Paulo César, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. GUINSBURG, J. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Tradução de Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

_____. *Fragmentos Póstumos 1884-1885, Vol. V*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. *Fragmentos Póstumos 1887-1889, Vol. VII*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. O experimentalismo contra os idealismos nos escritos intermediários de Nietzsche. In: *Princípios*, Natal, v. 16, n. 26, julh/dez, 2009, p. 149-166.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. *Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é*. Campinas, SP: Editora PHI, 2013.

VISSER, Gerard. Vivência. In: NIEMEYER, Christian (org). *Léxico de Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.